

ED E LORRAINE
WARREN

COM ROBERT DAVID CHASE

CAÇADORES DE FANTASMAS

Casos reais cujas investigações de fenómenos
paranormais inspiraram livros e filmes de sucesso,
como *The Conjuring* ou *Annabelle*

 nascente

ÍNDICE

Introdução	9
DOSSIÊ: West Point	15
DOSSIÊ: Um Homicídio Violento	29
DOSSIÊ: Pé Grande	43
DOSSIÊ: Jane Seymour	53
DOSSIÊ: O Exorcismo e a Adolescente	59
DOSSIÊ: Um Assassino na Névoa	79
DOSSIÊ: Infestação Demoníaca	93
DOSSIÊ: O Inominável	107
DOSSIÊ: As Trevas Posteriores	127
DOSSIÊ: O Sacerdote Aterrado	141
DOSSIÊ: Amityville	157
DOSSIÊ: A Aldeia Assombrada	167
DOSSIÊ: A Mulher-polícia Aterrada	177
DOSSIÊ: Uma Explosão de <i>Poltergeists</i>	189
Notas Finais	205

INTRODUÇÃO

Não era o tipo de história que se conta encontrar no *New York Times*. Nem era o tipo de história que se espera da mais prestigiada instituição militar americana: West Point.

Contudo, durante dias a fio, jornais, televisões e rádios de todo o mundo apresentavam parangonas e abriam os boletins noticiosos com referências a uma infestação demoníaca em West Point — com «infestação demoníaca» a ser um eufemismo para «fantasmas».

No centro desta narrativa sem fim à vista — que muitos representantes do governo esperavam pudesse desaparecer em breve — estava um casal de meia-idade, chamado Ed e Lorraine Warren. O que mais interessava aos jornalistas era a ocupação do casal. Eram demonólogos, pessoas que haviam dedicado a vida ao estudo do sobrenatural e do oculto.

Todavia, «estudo» talvez seja um termo demasiado passivo, pois dá a entender que os Warrens passariam

a maior parte do seu tempo de nariz enfiado em volumes poeirentos, prenes de folclore vetusto e macabro.

Na verdade, os Warrens já viajaram um pouco por todo o mundo, participando em todo o tipo de atividade sobrenatural, desde observarem espectros violentos atirarem machados a seres humanos vivos até servirem de apoio a sacerdotes a realizarem ritos de exorcismo.

Muito antes de a imprensa mundial os ter «descoberto» em West Point, Ed e Lorraine eram já conhecidos de uma variedade de indivíduos que precisaram da sua ajuda — desde detetives de polícia, os quais Lorraine ajudou a resolver homicídios com os seus poderes psíquicos, a estrelas de cinema apreensivas quanto ao facto de a sua casa poder estar assombrada.

As suas vidas já correram bastante perigo. Amiúde deram consigo encurralados nas garras do reino dos espíritos. Amiúde se viram comprometidos a ajudar indivíduos abandonados por todos os tipos de autoridades — governamentais, médicas e religiosas.

Quem são, então, estas pessoas que ajudaram West Point a compreender os seus problemas fantasmagóricos?

Ambos nos seus sessentas, os Warrens são casados há mais de quarenta anos. Ed é, presentemente, o diretor da Sociedade de Investigação Psíquica de Nova Inglaterra (New England Society of Psychic Research). O interesse que nutre por demonologia remonta à sua infância, altura em que se provou que a casa em que cresceu estava assombrada. Em criança, Ed viu, com frequência, objetos a voarem pela casa. Chegou a ver fantasmas, pessoas que lhe apareciam.

A experiência de Lorraine com o paranormal também começou em tenra idade. Em menina via luzes em torno da cabeça das pessoas. Mais tarde compreenderia que essas luzes eram auras. Teve uma experiência semelhante quando conheceu Ed: — Na noite em que nos apresentaram vi um jovem atlético de dezasseis anos à minha frente, mas depois avancei, vislumbrei o futuro e vi um homem mais pesado, encanecido, e soube que se tratava de Ed numa data futura. Também soube que passaria a minha vida com ele.

Ed e Lorraine conheceram-se durante a Segunda Guerra Mundial. Ed frequentou a Faculdade de Belas-Artes, ao passo que Lorraine era uma artista autodidata. A filha do casal, Judy, nasceu quando Ed ainda cumpria o serviço militar. Mais tarde percorreriam o campo num *Chevrolet Daisy* de 1933, com um pastor-alemão no banco traseiro. — Gostamos de nos considerar os primeiros *hippies* — gracejaria Ed.

— Mas o nosso interesse por assombrações e por demonologia permaneceu constante. As pessoas sempre se surpreendem pela forma como o sobrenatural e o oculto lhes entram pela vida. Muitos casos de supostas doenças mentais resultam, na verdade, de possessão. Muitos casos de homicídio advêm, também, de possessão demoníaca. Desde o primeiro momento que nos sentimos determinados a investigar todos os acontecimentos peculiares que nos chegavam aos ouvidos.

» Ao longo dos anos granjeámos a reputação de estudiosos sérios de tais ocorrências. E graças à nossa exposição aos demónios, aprendemos a lidar com eles.

Mais recentemente, os Warrens envolveram-se com o que porventura foi o mais afamado caso de infestação demoníaca nos Estados Unidos: Amityville.

Embora desagradados porque «muitas coisas foram exageradas ou omitidas [do] livro», a história de Amityville, ajudou a transformar muitos céticos em crentes.

A sua fama continuou a espalhar-se. Já se escreveram vários livros sobre eles — *Deliver Us From Evil*, de J. F. Sawyer, *The Demonologist*, de Gerald Brittle. Também mereceram destaque em *The Haunted (Sombras Misteriosas, 1991)*, um exemplo aterrador de infestação demoníaca atualizado neste livro. A par disso, centenas de artigos e dois programas de televisão próprios deram os Warrens ainda mais a conhecer ao público. Há uns anos, a NBC produziu um telefilme baseado num dos casos dos Warrens. Até a academia os atraiu, com Ed e Lorraine a terem lecionado cursos sobre demonologia na Southern Connecticut State University.

Os Warrens afirmam: — Só queremos mostrar, que existe um submundo demoníaco, e que, por vezes, ele pode levantar problemas aterradores às pessoas.

Dizem-nos os Warrens que esse submundo demoníaco é composto por espíritos humanos e inumanos. Os espíritos humanos, que já existiram na terra como indivíduos, podem ter intenções positivas ou negativas. Os espíritos inumanos, por outro lado, nunca contaram com uma existência corpórea, percorrendo a terra através da opressão ou da possessão de um espírito humano. Estes espíritos inumanos podem representar forças elementares (ou naturais), poderes demoníacos ou até mesmo o diabo.

*Caçadores de Fantasma*s contém algumas das mais assustadoras e desconcertantes investigações dos Warrens. Neste livro encontraremos, entre muitas outras, uma adolescente sexualmente devastada por um demónio; uma pequena localidade americana enfeitiçada por forças satânicas; uma estrela de cinema que sente que um destino fatídico a aguarda numa determinada casa; e a criatura lendária Pé Grande, com quem os Warrens têm um encontro quase trágico numa floresta sombria.

*Caçadores de Fantasma*s apresenta-nos provas irrefutáveis de que o «submundo demoníaco» que Ed refere existe realmente, desempenhando um papel mais destacado nas nossas vidas do que gostaríamos de aceitar.

E bem podemos falar sobre isso com o pessoal de West Point. Embora o interesse por essa narrativa específica se tenha desvanecido gradualmente, nestas páginas encontrará todos os pormenores relativos ao caso — uma história que os oficiais de West Point, embora sem nunca a confirmar, foram incapazes de negar.

Por mais chocantes, alarmantes e incómodas que possam ser estas narrativas, os Warrens viveram-nas e sabem que são a mais pura das realidades.

Venha connosco numa viagem através do pesadelo, levados pelas mãos experientes e capazes dos mais célebres demonólogos do mundo, Ed e Lorraine Warren.*

* Ed veio a falecer em agosto de 2006 e Lorraine em abril de 2019, tendo sido imortalizados no cinema na série de filmes *The Conjuring* (iniciada em 2013), interpretados por Patrick Wilson e Vera Farmiga (N. E.).

WEST POINT

Não há instituição mais cotada nos Estados Unidos do que West Point, no estado de Nova Iorque. Fundada em 1802, depois de George Washington ter sugerido uma academia do género, não há instituição no mundo que rivalize com a história de West Point.

Entre os seus formados contam-se líderes famosos como Stonewall Jackson, Robert E. Lee e Dwight David Eisenhower.

«The Point», assim a conhecem os que lá se formaram, conta com a merecida reputação de produzir homens e mulheres cujo treino lhes ensinou a serem realistas obstinados, pouco dados a devaneios. Imagine, por isso, o leitor, como eu e Lorraine nos sentimos quando fomos informados — por alguns desses realistas obstinados — de que havia fantasmas a assombrar certos edifícios do The Point...

Estávamos em 1972. Na altura, Lorraine e eu contactávamos com um empresário que nos ajudava a

calendarizar as apresentações. Antes de termos conhecimento da presença de fantasmas em West Point, o nosso empresário marcara-nos lá uma apresentação a pedido de corpo docente e alunos. Sentimo-nos lisonjeados. À semelhança da maioria dos americanos, nutrimos grande respeito pelas nossas academias militares. Assim sendo, foi emocionante que tal grupo nos convidasse a falar sobre nós e sobre o nosso trabalho.

Aceitámos desde logo o convite e disseram-nos que no dia marcado um veículo militar iria recolher-nos a casa.

São poucas as apresentações que nos deixam nervosos — já estamos habituados a partilhar a nossa vida com todos os tipos de públicos —, mas, à medida que o dia se aproximava, ambos admitimos um tudonada de apreensão.

Afinal de contas, tratava-se de West Point.

— ED WARREN

Lorraine sorriu para consigo ao ver o «veículo» que fora expedido de West Point. Só vira aquele tipo de limusina em filmes. Escura, elegante e formidável, parecia absolutamente deslocada ao parar à frente da casa modesta que os Warrens haviam construído no início do ano.

Pela expressão de Ed, percebeu que ele sentia o mesmo — algo espantado, algo intimidado.

O motorista fardado, um homem alto e direito como um fuso, saiu da limusina. Abriu-lhes a porta e esperou que entrassem, sempre a entreolharem-se nervosamente.

Nas horas que se seguiram atravessaram das mais belas paisagens da nação, montes e vales rurais, ardentes com o outono quente de outubro. O motor da limusina ronronava sem soluços; o ar condicionado mantinha-os frescos. Os bancos de pele quase pareciam engoli-los no conforto e no luxo. O motorista só falava quando o interpelavam, mantendo-se, caso contrário, de mãos no volante e olhos na estrada. Lorraine estava maravilhada com o aprumo militar do indivíduo. Se aquele fosse um exemplo da formação de West Point, era impressionante.

Quando a limusina chegou ao topo de um monte, Lorraine avistou pela primeira vez a academia militar. Ficou deveras sem fôlego. Raramente vira algo tão belo.

Instalada numa parte de uma reserva militar com 6500 hectares e situada na margem do rio Hudson, em Nova Iorque, West Point apresenta-se como sendo uma vasta fortaleza de pedra, tijolo e argamassa, isolada da civilização. Na verdade, a academia fica a meros 80 quilómetros da cidade de Nova Iorque.

Quem visita The Point pela primeira vez começa por ser atraído pelo Washington Hall, um edifício enorme à frente do qual se abre o principal terreno de parada.

Quando, naquele dia, a limusina entrou no terreno da academia, Lorraine sentiu-se assoberbada pela história que a rodeava. Bandeiras americanas desfraldadas à brisa suave; cadetes a marchar em formação perfeita. Ao dar a mão a Ed, percebeu que ele sentia o mesmo.

■ ■ ■

A primeira parte da visita dos Warrens ficou por conta do major Ron Price, que os levou a conhecer a academia. Os Warrens puderam ver em primeira mão o modo como West Point evoluíra — desde uma mancha de construções até ao gigantesco complexo atual.

Durante a visita, o major Price, também ele um bom exemplo do garbo de West Point, fez bastantes perguntas acerca do trabalho dos Warrens. Pareceu sobretudo interessado no trabalho desenvolvido com fantasmas.

Em breve perceberiam porquê.

Terminada a visita, o major Price pediu aos Warrens que fizessem o obséquio de o acompanhar à residência do superintendente Francis Dunbar. Na The Point, o superintendente é sempre um tenente-general do exército que está encarregue dos 6500 hectares, do posto militar e da academia.

A residência de Dunbar era a casa do coronel Sylvanus Thayer. (Thayer fora o superintendente de West Point entre 1817 e 1833.) A casa de tijolo pintado de branco de estilo federal começou por parecer cativante a Lorraine.

Mas ao aproximar-se — e mesmo antes de o major Price referir os problemas associados à casa —, Lorraine começou a tremer ao de leve e a ouvir o lamento distante, mas inconfundível, dos espíritos perturbados, um lamento que tende a retinir aos ouvidos dos médiuns dotados.

O major Price foi sincero. Ao entrarem na casa contou-lhes dos muitos incidentes que ali haviam tido lugar no último ano. Várias testemunhas haviam visto uma cama a ser desfeita por mãos invisíveis. Depois de

voltar a ser feita de lavado, uma força invisível desfazia-a novamente passados minutos. Nem que fosse apenas por isso, já havia em West quem fizesse questão de evitar a casa Thayer, por mais urgente que fosse o assunto a tratar com o general Dunbar.

Mas havia problemas ainda mais inquietantes.

Durante os seus muitos anos a investigar o oculto e o sobrenatural, os Warrens haviam-se deparado amiúde com exemplos de «*apports*». Na maioria dos casos, os *apports* são objetos que provam a presença de seres sobrenaturais.

O major Price mostrou aos Warrens uma tábua de cortar pão. No centro da tábua de madeira via-se uma mancha húmida com a dimensão aproximada de uma fatia de pão. Por mais que se secasse a tábua — fosse qual fosse o método usado para a secar —, a mancha molhada ali permanecia. E ali permanecera por muitos meses.

Ao ver a tábua do pão, Lorraine teve a certeza de que as sensações que experienciava — leves arrepios, o som distante dos lamentos, o bizarro jogo de luzes e sombras nos cantos da casa — indicavam a presença de entidades sobrenaturais. Como prova disso, o major Price contou-lhes sobre as aparições vistas não só pelo general Dunbar e sua esposa, mas também pelos hóspedes que pernoitavam na casa.

A litania de provas apresentadas era familiar a Lorraine e Ed. Fantasmas haviam manifestado a sua presença, não só mostrando-se como também batendo nas paredes e com portas e — quiçá o mais embaraçoso — revirando os pertences dos hóspedes. Tudo, desde carteiras

a joias, fora levado para uma outra parte da casa. Roupas haviam sido arrancadas de cabides e tiradas de gavetas.

Não havia qualquer dúvida.

A residência do general Dunbar fora infestada por fantasmas. A sua natureza e objetivo concretos teriam ainda de ser determinados.

■ ■ ■

Uma hora depois, Lorraine começou a percorrer a casa, divisão a divisão, e tentou estabelecer contacto com os fantasmas que o general e seus amigos haviam visto. Embora nem todas as tentativas de contactar o reino dos espíritos sejam bem-sucedidas, Lorraine, com os seus antecedentes, sentia-se confiante de que seria capaz de perceber o que se passava.

O seu otimismo, todavia, em breve seria afetado; as primeiras três divisões não deram resultados, não havendo qualquer resposta por parte dos espíritos. Começou a imaginar que o major Price pudesse pôr em causa os seus talentos especiais.

O processo foi sempre o mesmo em cada espaço. Lorraine punha-se no meio do quarto e ficava à «escuta» de sinais de atividade psíquica através de vários meios. Nada.

Uma surpresa aguardava-a na quarta divisão. Quando se sentou numa bela cadeira de baloiço, fechando os olhos, começou desde logo a sentir o ritmo cardíaco acelerado e as sensações aurais que tendem a acompanhar o contacto com fantasmas.

Inexplicavelmente, sentiu uma pressão no braço, como se alguém a tocasse ao de leve. Percebeu, então, que havia definitivamente uma presença sobrenatural naquele sítio, mas o que viu foi de tal modo desconcertante que quase se sentiu relutante em revelá-lo.

Perguntou a um dos adidos do major: — Por acaso sabe se o presidente Kennedy alguma vez esteve nesta divisão?

O adido pareceu surpreendido. — Sim, confirmou ele. — Era o quarto em que ele ficava sempre que vinha a The Point.

Lorraine percebia agora que a emanção fora válida. Ela não só sentira, como vislumbrara a imagem do presidente Kennedy de pé, ao seu lado, a tocar-lhe ao de leve no ombro, para que olhasse para ele. Desde há muito admiradora do presidente assassinado, Lorraine sentiu uma mágoa avassaladora durante os derradeiros momentos na cadeira, a mesma onde John Fitzgerald Kennedy, com os seus conhecidos problemas de coluna, se sentara.

Ao sair do quarto onde Kennedy dormira, Lorraine julgava ter apurado a identidade do fantasma de West Point. Mas ao percorrer o corredor largo e soalheiro, sentiu novas emanções, bastante mais perturbadoras do que as que haviam acompanhado a imagem do presidente Kennedy.

Havia outros fantasmas naquela casa venerável. O seu trabalho ainda não podia ser dado por encerrado.

■ ■ ■

— Assim que entrei na *suite* percebi que aquela casa estava a ser atormentada por uma presença feminina — revelaria Lorraine mais tarde. — Na altura só sabia isso, mas depois de meia hora no quarto, apurei muito mais.

Com Lorraine e Ed, a par do major Price e do seu adido, no interior da *suite*, a investigação centrou-se nas várias peças e estatuetas de porcelana que havia no quarto, muitas delas datadas da época da Guerra Revolucionária.

— Ao tocar nas peças comecei a receber um sinal confuso — explicou Lorraine. — Não obtive emanações específicas da porcelana com dois séculos, mas havia peças mais recentes que me transmitiram a imagem de uma mulher bastante dominadora e obstinada.

» Saí do quarto por alguns momentos e comecei a andar pelo resto da casa. Fui acompanhada pela imagem dessa mulher dominadora e percebi que era ela quem perturbava o ar — fora ela quem desfizera as camas e espalhara os bens pessoais nos quartos de hóspedes.

Lorraine deixou-se ficar uns instantes num pequeno quarto adjacente enquanto a presença da mulher enchia a entrada. — Sabia que aquela mulher era um espírito ciumento e possessivo que achava que a casa lhe pertencia e que se sentia ressentida com quem lá vivia. Não se tratava de um espírito perigoso, mas era problemático.

» Regressei ao quarto onde estivera e contei o que descobrira ao adido do major. — Muitas destas peças de porcelana pertenceram a uma mulher bastante voluntariosa. Estou correta?

Sobressaltado, o adido revelou que entre casamentos, a esposa do general Douglas MacArthur morara ali.

Mulher insegura e um tanto ou quanto zangada, assumira a tarefa suprema de gerir a casa Thayer como nunca. Os serviçais temiam-na; até os oficiais se encolhiam na sua presença severa.

Assim se explicava a presença de um segundo espírito... bem como parte do comportamento mais inquietante que tivera lugar naquela casa no último ano.

Mas ao continuar a percorrer a casa, Lorraine teve noção de ainda outra presença — a verdadeira fonte dos arrepios que ela sentira ocasionalmente durante o dia.

JFK fora um espírito, grosso modo, afável; embora intrometida, a Sr.^a MacArthur também era benigna, mesmo que dada a partidas, mas nada mais perigoso do que isso.

Mas havia mais qualquer coisa no ar...

Lorraine sentia... violência.

Continuou a percorrer a casa, demorando-se em cada divisão para tocar nos aprestos e na madeira envelhecida, polida até brilhar.

A sensação de... violência... não a abandonava.

Acontecera ali algo terrível...

E alguém que estivera envolvido no episódio de violência continuava a vaguear pelos corredores, ainda se escondia nas sombras escuras de cada quarto gelado.

Não obstante, sem nada mais concreto do que a intuição a que se agarrar, Lorraine cedeu e acompanhou o resto do grupo até à sala de jantar, onde lhes seria servido um banquete digno dos melhores restaurantes.

Depois da refeição, Ed e Lorraine passaram um longo serão a dirigirem-se ao público de West Point, com oficiais e cônjuges ao lado de cadetes.

Os Warrens viram que o grupo não estava apenas fascinado com a palestra e com os diapositivos que mostravam provas de vários tipos de atividades sobrenaturais; estavam também mais do que dispostos a levar aqueles fenômenos a sério.

■ ■ ■

Ao final da noite, vários oficiais e suas esposas perguntaram aos Warrens se estariam dispostos a regressar à casa Thayer e tentar entrar em contacto com os espíritos que Lorraine descrevera.

Intrigada e desalentada com a presença furiosa que sentira na casa, Lorraine acedeu de bom grado.

Na *suite*, homens e mulheres sentaram-se no chão, descrevendo um semicírculo em torno da cama. Os oficiais soltaram os colarinhos das fardas, com Lorraine a fechar os olhos e a dar início ao difícil, e por vezes assustador, processo de entrar em contacto com outro reino da Terra.

Quase de imediato, Lorraine sentiu uma grande energia a percorrer o quarto, sinal garantido da presença de um espírito. Percebeu desde logo que a Sr.^a MacArthur ali se encontrava. Lorraine, que por acaso estava sentada no lado da cama em que a Sr.^a MacArthur dormira, começou a ver a mulher com clareza. Tudo o que ela pressupusera naquela tarde acerca da pessoa — que era uma tirana insegura, cuja presença se destinava a pôr em causa o direito de Lorraine ali se encontrar — ficou confirmado.

Mas a grande força de vontade de Lorraine não demorou a banir a Sr.^a MacArthur, e na meia hora que se seguiu os elementos de West Point e os Warrens gozaram um agradável debate acerca do sobrenatural.

Segundo Ed, «foi empolgante ver os futuros líderes do nosso país ali sentados no chão, nas suas fardas, a fazerem-nos perguntas. Não houve qualquer embaraço. A par de Lorraine e de mim, havia quem tivesse percebido que a presença da Sr.^a MacArthur entrara no quarto. Então surgiu-lhes muito mais perguntas sobre como contactarem o outro reino.

O serão deu-se por encerrado com alguns dos convidados a pedirem a morada dos Warrens para obterem mais informações sobre o tema do sobrenatural. Lorraine nunca se sentira tão satisfeita com as capacidades partilhadas com Ed havia tantos anos.

Mas quando os Warrens estavam prestes a partir — com a limusina a ser aprontada numa garagem próxima —, Lorraine olhou pela janela e, na parada iluminada pelo luar, viu uma aparição genuína:

— um negro com uma farda antiga, sem galões, nem insígnias (como se tivesse sido privado de todos os privilégios), a olhar com tristeza para a casa Thayer.

Era a presença irritada que Lorraine passara o dia a sentir.

Quem é você?

(Ainda a olhá-la.) Chamo-me Greer.

Está atormentado.

(Ele ajudou-a a formar uma imagem na mente: um pequeno espaço, quase uma cela, no qual ele parecia estar confinado.) Não estou livre.

O que lhe aconteceu?

(Uma sensação avassaladora de mágoa. Greer, de farda despida de quaisquer marcas, dirigiu os olhos tristes aos de Lorraine e desapareceu.)

Greer (*quis ela dizer*), Greer — eu posso ajudá-lo.
Mas ele desaparecera.

■ ■ ■

Enquanto os Warrens aguardavam pela limusina no calor tranquilo do serão outonal, Lorraine contou sobre Greer a um dos adidos. Descreveu a farda, mas o adido abanou a cabeça. — Nessa altura não havia negros em West Point.

Perturbada, Lorraine e Ed regressaram a casa.

■ ■ ■

A aventura em West Point teria duas conclusões.

Uma semana depois, o adido com quem Lorraine partilhara a sua história acerca de Greer telefonou a dizer que pesquisara um pouco e, realmente, houvera um negro em West Point durante a época que Lorraine descrevera. Chamava-se Greer e matara outro homem. Embora culpado do homicídio, Greer fora ilibado por um tribunal marcial e exonerado.

Assim que o adido lhe revelou o acontecido, Lorraine reconheceu o que Greer era — um espírito zangado e triste, incapaz de aceitar a sua culpa, pelo que vagueava por West Point, a assustar sem intenção. As pessoas

sentiam-lhe a raiva — provavelmente revolta consigo próprio por aquilo que fizera — e ficavam assustadas.

O espírito atormentado fora, assim, identificado e explicado. Em West Point sentia-se gratidão por aquilo que os Warrens haviam feito.

Deu-se, então, o segundo final. Graças a uma dica da marinha destinada a embarçar o exército, o *New York Times* publicou uma história sobre fantasmas em West Point. Em breve, jornais de todo o mundo reproduziam a peça.

Os Warrens, com honras de destaque em todos os relatos, viram-se elevados à categoria de celebridades. O número de convites para apresentações duplicou e programas de televisão que sempre haviam mostrado pouco interesse por eles começaram agora a suplicar entrevistas.

Lorraine Warren ri-se ao relembrar o incidente. — Conhecemos muita gente maravilhosa em West Point, e ainda temos algumas dessas pessoas como amigas. Mas aquilo que eu nunca esqueci? A limusina. A sério, foi espantoso!

HISTÓRIAS VERDADEIRAS E ATERRADORAS TESTEMUNHADAS PELOS MAIORES ESTUDIOSOS DO MUNDO PARANORMAL

Os fantasmas estão sempre ativos, não respeitam fronteiras e não têm piedade.

Ed e Lorraine Warren, os demonólogos mais famosos do mundo, passaram décadas a explorar, documentar e certificar conclusivamente inúmeros casos de fenómenos paranormais. As extraordinárias experiências dos Warrens com o mundo sobrenatural inspiraram livros e filmes de grande sucesso, como os três *The Conjuring* ou *Annabelle*.

Da academia militar em West Point, em Nova Iorque, ao Tennessee rural, *Caçadores de Fantasmas* é um relato na primeira pessoa dos confrontos do casal Warren com o desconhecido e o inominável. Neste livro, encontrará a história de raparigas adolescentes que são seduzidas pelo satanismo e pelas sessões de espiritismo, acabando vítimas de espíritos assustadores; de uma cidade aterrorizada por forças assassinas imparáveis, cuja origem não pode ser outra senão o próprio Inferno; de uma casa de família assombrada por um *poltergeist* furioso e implacável...

Ao todo, catorze histórias aterrorizantes que lhe causarão arrepios na espinha.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN 9789897879203



9 789897 879203 >